

Educação em Walden de Henry David Thoreau (1817-1862)

Education in Walden by Henry David Thoreau (1817–1862)

Daniel Longhini Vicençoni

Marli Delmonico de Araujo Futata

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar os aspectos educacionais da obra *Walden, ou a vida nos bosques*, de Henry David Thoreau (1817–1862), evidenciando seu pensamento sobre a Educação. A pesquisa metodologicamente se insere no campo dos estudos históricos e bibliográficos. Os resultados indicam que Thoreau concebe o processo formativo como caminho de autoconhecimento e emancipação espiritual, em oposição à instrução técnica do capitalismo que se consolidava em seu período. Para tanto, em sua análise, a leitura é apresentada como prática ascética e moralizadora, capaz de promover a elevação intelectual e ética do indivíduo. Conclui-se que ao criticar as universidades e a cultura de acúmulo material de sua época, ele propõe uma pedagogia baseada na experiência, na simplicidade e na autossuficiência.

Palavras-chave: Henry David Thoreau. Transcendentalismo. Educação.

Abstract

The article aims to analyze the educational aspects of *Walden, or Life in the Woods* by Henry David Thoreau (1817–1862), highlighting his thought on Education. Methodologically, the research is situated within the field of historical and bibliographical studies. The results indicate that Thoreau conceives the formative process as a path of self-knowledge and spiritual emancipation, in opposition to the technical instruction of capitalism that was being consolidated in his time. In his analysis, reading is presented as an ascetic and moralizing practice, capable of promoting the individual's intellectual and ethical elevation. It is concluded that, by criticizing the universities and the culture of material accumulation of his era, he proposes a pedagogy based on experience, simplicity, and Self-reliance.

Key-words: Henry David Thoreau. Transcendentalism. Education.

Introdução

Henry David Thoreau nasceu em Concord, Massachusetts, em 12 de julho de 1817. Faleceu em 1862, em sua cidade natal¹. Proveniente de uma família de origem

¹ Considerado o principal filósofo do transcendentalismo norte-americano, Ralph Waldo Emerson (1803-1882) fez um discurso em homenagem a Thoreau após sua morte. Sobre isso, ver em: Emerson (2016).

protestante francesa, formou-se em Literatura Clássica e Línguas pela Universidade de Harvard, em 1837. Ligado ao transcendentalismo norte-americano, movimento filosófico e literário do século XIX que valorizava a intuição e a experiência individual; além do mais, valorizava também a natureza, a liberdade espiritual e a autossuficiência moral.

Thoreau partilhava da crença na intuição como via de acesso ao absoluto e na natureza como expressão viva do divino. Suas obras mais conhecidas são *A Desobediência Civil*, publicada originalmente em 1849, e *Walden, ou A Vida nos Bosques*, de 1854.

Walden, ou A Vida nos Bosques, um relato de caráter autobiográfico, narra a experiência do autor ao retirar-se da vida urbana para viver, de modo simples e autossuficiente, às margens do lago Walden, em Concord, Massachusetts, nos Estados Unidos. Para além de um relato pessoal, o texto apresenta reflexões filosóficas, sociais e espirituais, vinculadas ao movimento transcendentalista norte-americano, do qual Thoreau foi um dos principais expoentes. A obra contém observações sobre a natureza, uma crítica à sociedade industrial e a valorização da autonomia individual.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar os aspectos educacionais presentes no livro *Walden*. Para tanto, o estudo pautar-se-á nos pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica e amparar-se-á nas discussões pertinentes aos campos da História e da Filosofia da Educação.

Para o desenvolvimento do trabalho proposto, o texto será dividido em duas partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, será realizado um estudo acerca das origens do transcendentalismo norte-americano; na segunda, proceder-se-á à análise de *Walden* e de suas concepções sobre a educação.

O transcendentalismo norte-americano

O transcendentalismo norte-americano é uma corrente filosófica que surgiu nos Estados Unidos, no século XIX, como uma reação ao racionalismo iluminista e ao mecanicismo da sociedade industrial que então se consolidava no país. O movimento está relacionado a um grupo de pessoas e às suas crenças individuais, que

conciliavam, de certa forma, a ciência e a racionalidade com a religiosidade. Por isso, não é incorreto afirmar que “[...] o grupo foi marcado pelo humanismo e pela insatisfação com as religiões estabelecidas” (Miranda, 2016, p. 12).

Filosoficamente, o transcendentalismo foi influenciado pela teoria do idealismo transcendental, ou idealismo romântico, formulada por Immanuel Kant (1724–1804), conforme indicado no *Dicionário de Filosofia* (Abbagnano, 2007). Trata-se do entendimento de que o conhecimento humano resulta da interação entre duas dimensões: a sensibilidade (faculdade pela qual recebemos as intuições, ou seja, as formas puras de espaço e tempo) e o entendimento (faculdade que pensa os objetos por meio de categorias), que estrutura os dados sensíveis. Dessa síntese resulta o conhecimento dos fenômenos².

Outro ponto importante é que a filosofia transcendentalista norte-americana se firmava em oposição ao empirismo britânico, influenciado por John Locke (1632–1704), que defendia que o conhecimento era oriundo da transmissão das sensações à mente, vista por ele como uma *tábula rasa*; bem como em crítica ao ceticismo de David Hume (1711–1776), que propunha que o conhecimento advinha dos sentidos (Miranda, 2016). A síntese kantiana resolveu esse debate e contribuiu para ampliar os horizontes teóricos dos transcendentalistas.

No aspecto religioso, as origens do transcendentalismo estão associadas à Igreja Unitariana (grupo que nega a doutrina da Trindade), que reagia à rigidez da doutrina calvinista puritana e buscava, de certa forma, resgatar a experiência religiosa iluminista. Ainda assim, pode-se afirmar que o movimento se consolidou em uma perspectiva racionalista, negando a divindade de Jesus Cristo e as doutrinas típicas do cristianismo (Azevedo, 2024). Soma-se ao transcendentalismo a influência das religiões orientais.

O misticismo cristão de Jacob Boehme (1575–1624) e Emmanuel Swedenborg (1688–1772) também ressoou no transcendentalismo, ao proporem que a verdade poderia ser intuída diretamente, sem a necessidade de intercessores, fossem eles clérigos, rituais ou mesmo textos sagrados. Não é incorreto, portanto, entendê-los como idealistas que buscavam transcender as experiências sensoriais comuns e

² Sobre isso, ver em: *O idealismo transcendental chave da solução dialéctica cosmológica*, de Kant (2001).

alcançar verdades intuídas que pudessem ser encontradas além das formas estabelecidas (Miranda, 2016).

Apresenta-se, assim, uma noção distinta de pensar o sagrado. O transcendentalismo, ao dispensar a necessidade de intercessores, propunha uma espiritualidade baseada na experiência direta do divino. Como observa Azevedo, “a doutrina, que antes servia de mediadora entre Deus e o homem, é afastada, cedendo lugar à intuição e ao misticismo, pelos quais se pode acessar o divino diretamente, sem a intermediação das Escrituras” (Azevedo, 2024, p. 84). Essa concepção rompe com o papel tradicional da mediação institucional e coloca a vivência espiritual como expressão imediata da interioridade.

[...] o Transcendentalismo tem a filosofia transcendental de Immanuel Kant como fundamento; seus proponentes enfatizam o divino na natureza, o valor do indivíduo e das intuições humanas, bem como uma realidade espiritual que ‘transcende’ a experiência dos sentidos, a qual é vista como melhor para a vida dos indivíduos que o raciocínio empírico ou lógico. Por fim, o termo refere-se mais a um conjunto de conceitos estabelecidos por vários indivíduos que uma filosofia formal (Miranda, 2016, p. 15).

Embora o transcendentalismo não possa ser reduzido a uma filosofia formal (se é que essa categoria exista), sem dúvida foi Ralph Waldo Emerson (1803–1882) quem lhe deu início e, talvez, unidade nos Estados Unidos. Por isso, é impossível compreender a obra de Thoreau sem antes reconhecer suas raízes teóricas no primeiro expoente do transcendentalismo.

Emerson e as raízes filosóficas de Thoreau

Ralph Waldo Emerson foi um ensaísta, poeta e filósofo estadunidense, considerado um dos principais nomes, senão o principal, do transcendentalismo. Formou-se em Teologia, no curso de Divindade, em Harvard. Atuou como pastor, mas posteriormente abandonou a carreira religiosa e tornou-se conferencista e escritor. Defendia ideias sobre a autonomia do indivíduo, a espiritualidade ligada à natureza e a confiança no potencial humano.

Sua formação intelectual esteve associada ao contato com diversos filósofos, como John Stuart Mill (1806–1873), Samuel Taylor Coleridge (1772–1834), William Wordsworth (1770–1850) e Thomas Carlyle (1795–1881). Em 1840, deu início ao

periódico *The Dial*, que servia de base para as publicações transcendentalistas, ao lado de pensadores como Bronson Alcott (1799–1888), George Ripley (1802–1880) e a editora Margaret Fuller (1810–1850) (Miranda, 2016).

A principal obra de Emerson foi *Nature*, publicada em 1836. Considerada um “divisor de águas no momento em que o transcendentalismo se torna um grande movimento cultural. Neste ensaio, revelou as suas ideias sobre um sentido ideal de vida alcançado pelo ser humano através da introspecção” (Rocha, 2018, p. 69). No Brasil, o livro foi traduzido e publicado como *Natureza*.

Logo no primeiro parágrafo da *introduction* de *Nature*, Emerson expressa, de forma direta, noções acerca da relação do ser humano com a história e com a natureza. De certa forma, trata-se de uma crítica à sua geração, que vivia em uma retrospectiva passiva do passado, sem buscar formas imediatas de conexão com o mundo.

Nossa época é retrospectiva. Ela constrói os sepulcros dos pais. Escreve biografias, histórias e críticas. As gerações anteriores contemplaram Deus e a natureza face a face; nós, apenas através dos olhos delas. Por que não poderíamos também desfrutar de uma relação original com o universo? Por que não poderíamos ter uma poesia e uma filosofia baseadas na intuição, e não na tradição? E uma religião revelada a nós mesmos, e não apenas a história das revelações de outros? Acolhidos por um tempo na natureza, cujas correntes de vida fluem ao nosso redor e através de nós, convidando-nos, pelas forças que nos concedem, a agir em proporção à própria natureza, por que haveríamos de tatear entre os ossos secos do passado ou vestir a geração viva com trajes gastos de outros tempos? O sol também brilha hoje. Há mais lã e linho nos campos. Existem novas terras, novos homens, novos pensamentos. Exijamos nossas próprias obras, nossas próprias leis e nosso próprio culto (Emerson, 1836, p. 5-6, tradução nossa)³.

Nesse trecho, é possível identificar alguns temas fulcrais da filosofia transcendentalista. Emerson aponta que a cultura moderna perdeu a capacidade de estabelecer relações imediatas com o real, uma vez que se prende aos ecos do

³ OUR age is retrospective. It builds the sepulchres of the fathers. It writes biographies, histories, and criticism. The foregoing generations beheld God and nature face to face; we, through their eyes. Why should not we also enjoy an original relation to the universe? Why should not we have a poetry and philosophy of insight and not of tradition, and a religion by revelation to us, and not the history of theirs? Embosomed for a season in nature, whose floods of life stream around and through us, and invite us by the powers they supply, to action proportioned to nature, why should we grope among the dry bones of the past, or put the living generation into masquerade out of its faded wardrobe? The sun shines to-day also. There is more wool and flax in the fields. There are new lands, new men, new thoughts. Let us demand our own works and laws and worship (Emerson, 1836, p. 5-6).

passado. Trata-se, portanto, de uma cultura livresca, erudita, ligada ao passado e desconectada do presente, uma não relação com a natureza.

O núcleo transcendentalista está, justamente, em sua visão da relação entre o sujeito e o cosmos. É uma visão originária, no sentido de defender um retorno às fontes, à intuição primeira do ser. Para tanto, a mediação não deve ocorrer pelas vias religiosas institucionais, mas pela própria consciência, que é capaz de perceber a revelação.

Emerson não é panteísta. Não há uma confusão entre Deus e a natureza; há, antes, uma preservação da dimensão espiritual autônoma. Ou seja, a natureza é símbolo e manifestação do Espírito, não sua identidade. Dessa forma, é possível compreender que, na perspectiva emersoniana, o homem é parte ativa da totalidade.

A harmonia pré-estabelecida entre sujeito e universo condiciona sua filosofia, que entende não haver perguntas sem respostas, uma vez que o cosmos é racionalmente estruturado e, ao mesmo tempo, a mente humana é parte dessa estrutura maior. Em outras palavras, o princípio criador reside na humanidade.

Toda ciência tem um único objetivo: encontrar uma teoria da natureza. Temos teorias sobre as raças e sobre as funções, mas ainda mal alcançamos uma aproximação distante de uma ideia da criação. Estamos agora tão afastados do caminho da verdade que os mestres religiosos disputam e se odeiam entre si, enquanto os homens especulativos são considerados insensatos e frívolos. No entanto, para um juízo equilibrado, a verdade mais abstrata é também a mais prática. Sempre que uma teoria verdadeira aparecer, ela será a sua própria evidência. Seu critério será o de que ela explicará todos os fenômenos. Atualmente, muitos fenômenos são considerados não apenas não explicados, mas inexplicáveis — como a linguagem, o sono, os sonhos, os animais, o sexo. Considerado filosoficamente, o universo é composto de Natureza e Alma. Falando estritamente, portanto, tudo o que é separado de nós, tudo o que a Filosofia distingue como o “não-eu”, isto é, tanto a natureza quanto a arte, todos os outros homens e o meu próprio corpo, deve ser incluído sob este nome: Natureza (Emerson, 1983, p. 7, tradução nossa)⁴.

⁴*All science has one aim, namely, to find a theory of nature. We have theories of races and of functions, but scarcely yet a remote approximation to an idea of creation. We are now so far from the road to truth, that religious teachers dispute and hate each other, and speculative men are esteemed unsound and frivolous. But to a sound judgment, the most abstract truth is the most practical. Whenever a true theory appears, it will be its own evidence. Its test is, that it will explain all phenomena. Now many are thought not only unexplained but inexplicable; as language, sleep, dreams, beasts, sex. Philosophically considered, the universe is composed of Nature and the Soul. Strictly speaking, therefore, all that is separate from us, all which Philosophy distinguishes as the NOT ME, that is, both nature and art, all other men and my own body, must be ranked under this name, NATURE (Emerson, 1983, p. 7).*

Emerson critica a fragmentação da ciência moderna, ao compreender que cada disciplina, isoladamente, não tem como objetivo apreender a totalidade. Por isso, o cerne de sua filosofia está na busca da unidade entre ciência e espiritualidade, o que, de certa forma, revela a influência kantiana em seu pensamento.

Ao enumerar os valores da natureza e somá-los, usarei a palavra em ambos os sentidos — em seu sentido comum e em seu sentido filosófico. Em investigações tão amplas quanto a presente, essa imprecisão não é relevante; nenhuma confusão de pensamento ocorrerá. Natureza, no sentido comum, refere-se às essências não modificadas pelo homem: o espaço, o ar, o rio, a folha. Arte é o termo aplicado à mistura da vontade humana com essas mesmas coisas — como em uma casa, um canal, uma estátua, uma pintura. Mas, consideradas em conjunto, as operações humanas são tão insignificantes — um pouco de entalhar, cozer, remendar e lavar — que, diante de uma impressão tão grandiosa quanto a do mundo sobre a mente humana, elas não alteram o resultado (Emerson, 1983, p. 7-8, tradução nossa)⁵.

O dualismo emersoniano não se refere à oposição entre mente e corpo, mas entre alma e natureza (interior e exterior). O “eu” é o princípio espiritual, a consciência; o “não eu” é tudo o que se apresenta como exterioridade: matéria, corpos, obras humanas, enfim, tudo aquilo que é objeto da percepção.

A relação entre sujeito e mundo indica que todo conhecimento possui um caráter relacional. Assim, não há consciência sem mundo, nem mundo sem consciência. No âmbito da filosofia da educação, pode-se afirmar que a formação humana ocorre na tensão entre interioridade e exterioridade, isto é, entre o que se vive e o que se descobre.

Portanto, a educação é o movimento de transformar o “não eu” em parte do “eu”, incorporando o mundo à consciência. A leitura, a observação e a criatividade são resultados da conversão da exterioridade em interioridade. Afinal, não existe uma oposição: são partes de um mesmo princípio ordenador.

⁵ *In enumerating the values of nature and casting up their sum, I shall use the word in both senses; — in its common and in its philosophical import. In inquiries so general as our present one, the inaccuracy is not material; no confusion of thought will occur. Nature, in the common sense, refers to essences unchanged by man; space, the air, the river, the leaf. Art is applied to the mixture of his will with the same things, as in a house, a canal, a statue, a picture. But his operations taken together are so insignificant, a little chip ping, baking, patching, and washing, that in an impression so grand as that of the world on the human mind, they do not vary the result* (Emerson, 1983, p. 7-8).

De maneira geral, em *Nature*, Emerson propõe uma relação originária com o universo. A fé e o conhecimento não podem ser herdados, mas devem resultar da experiência imediata entre os sujeitos e a natureza. Trata-se de uma filosofia que defende a reintegração entre o ser humano e o cosmo.

Outras questões também aparecem em sua produção filosófica. Com origens tanto no pensamento clássico europeu quanto nas filosofias orientais, Emerson defendeu o abolicionismo, o direito das mulheres e uma profunda reforma educacional. Embora não tenha formulado um sistema filosófico unificado, acreditava em uma divindade pessoal e interna presente em todos os seres humanos, concomitante a uma concepção de natureza que nos conecta a um mundo mais amplo (Miranda, 2016).

A filosofia emersoniana influenciou significativamente Thoreau, tanto intelectualmente quanto em seu estilo de vida. “Thoreau aplicou muitas ideias de Emerson à vida prática. Enquanto Emerson oferecia a parte mais abstrata e filosófica do movimento, Thoreau oferecia a parte prática” (Miranda, 2016, p. 16).

Thoreau não apenas lia a obra de Emerson: eles se conheceram em 1837, na cidade de Concord, e tornaram-se amigos (Rocha, 2018). Essa relação possibilitou a troca de experiências e, de certa forma, a consolidação do transcendentalismo enquanto movimento intelectual nos Estados Unidos.

Entre a teoria e a prática, Thoreau tornou-se um dos principais nomes do transcendentalismo norte-americano. Estudado em diversas áreas, como a política, o ambientalismo e a filosofia, seu pensamento pode também oferecer contribuições significativas para a área da educação.

Educação em Walden de Thoreau

Publicado em 1854, *Walden* é a obra mais conhecida de Thoreau. Trata-se de um livro em que o autor relata, em primeira pessoa, suas experiências de vida solitária às margens do lago Walden, em Concord, Massachusetts, em uma cabana construída por ele mesmo.

Em linhas gerais, o livro constitui uma discussão filosófica sobre a relação entre o ser humano e a natureza. Não obstante, está intrínseca em seu relato a defesa da

simplicidade, da autossuficiência e da possibilidade de viver em harmonia com a natureza, a fim de alcançar a plenitude espiritual.

Embora o livro tenha sido pouco ou nada estudado no âmbito da educação, o próprio autor afirma que sua escrita foi direcionada especialmente a estudantes: “Talvez estas páginas sejam mais particularmente endereçadas aos estudantes pobres. Quanto aos demais leitores, aceitarão aquilo que lhes couber. Espero que ninguém force as costuras ao vestir o casaco, pois ele pode ser útil àquele em que servir” (Thoreau, 2018, p. 10). A pobreza mencionada não está necessariamente relacionada à materialidade; há a percepção de que a pobreza também pode ser espiritual.

Walden, mesmo em seu caráter autobiográfico e em sua discussão sobre a natureza, apresenta também a visão política de Thoreau. O apelo que faz à simplicidade resulta em uma crítica à dimensão competitiva e material do capitalismo, que abre caminho para as desigualdades e gera desperdício, inconsciência e pobreza espiritual (Altran, 2017).

Thoreau, em certa medida, produziu em *Walden* um tratado político-pedagógico que denuncia o consumismo e o acúmulo de bens. Critica a disseminação de valores que consolidaram, à época, a noção de que a boa vida está relacionada ao ter: quanto mais posses, melhor a vida. Como se pode verificar:

Será que devemos sempre estudar para obter essas coisas, em vez de, às vezes, nos contentar com menos? Deveria o cidadão respeitável gravemente ensinar, por preceitos e exemplos, a necessidade que todo rapaz tem de certo número de supérfluos, galochas e guarda-chuvas, e um quarto de hóspede vago para vagos hóspedes, ante de morrer? (Thoreau, 2018, p. 36)

O que Thoreau propõe é a criação de um mundo alternativo à sociedade moderna de sua época, baseado na autossuficiência e na desobediência civil, assinalada em sua recusa ao mercado e em um exercício ascético de não acumular bens de consumo. Assim, sua pregação está relacionada a uma idealização da vida junto à natureza, sempre pautada na simplicidade (Carvalho; Steil, 2013).

Ao investigar a organização social de seus conterrâneos, Thoreau também problematizou a formação universitária. Questionava as discussões teóricas, pois elas não alcançavam a vida real dos estudantes: “Até mesmo o estudante pobre estuda e

aprende apenas economia política, enquanto a economia da vida que é sinônimo de filosofia não é sequer professada sinceramente em nossas faculdades” (Thoreau, 2018, p. 49, grifo do autor).

Thoreau estudou em Harvard; não pertencia a uma família pobre, pelo contrário. Teve acesso a discussões aprofundadas sobre filosofia, moral, ética e política. Suas críticas às universidades estão relacionadas à falta de conexão com o mundo real: “A consequência é que, enquanto estuda Adam Smith, Ricardo e Say, o estudante faz o pai se endividar irrevogavelmente” (Thoreau, 2018, p. 49).

As críticas de Thoreau ao sistema educacional convergiam em uma acusação: os professores das escolas e faculdades do país, em vez de preparar seus alunos para a vida prática, os alimentavam apenas com conhecimento teórico. “A crítica de Thoreau ao sistema educacional basicamente convergia em uma única censura: os professores das escolas e faculdades do país, em vez de prepararem seus alunos para a vida prática, estavam alimentando-os apenas com conhecimento teórico (Rodenberg, 1990, p. 84, tradução nossa)⁶”.

Além de sua crítica às universidades de sua época, chama a atenção o capítulo denominado *Leituras*. Em termos gerais, o texto é organizado como uma apresentação dos livros clássicos enquanto herança universal, uma apologia à leitura dos clássicos em seu idioma original e um entendimento da leitura como agente de formação moral e ato sagrado.

Ao defender a leitura dos clássicos, Thoreau apresenta uma certa idealização acerca da importância dessas leituras na formação humana: “Ler bem, isto é, ler livros verdadeiros com verdadeiro espírito, é um exercício nobre que obrigará o leitor a um exercício maior do que os hábitos valorizados por seus conterrâneos” (Thoreau, 2018, p. 90). Para ele, ler bem não significa apenas decodificar palavras, mas exercitar o espírito.

Dessa forma, percebe-se uma dupla exigência na leitura de um clássico: (1) o texto precisa conter uma verdade viva, ou seja, manter-se atual; (2) o leitor precisa estar disposto a receber o conteúdo interiormente. O duplo movimento consiste, na perspectiva thoreauviana, em uma atividade de elevação do espírito.

⁶ *Thoreau's criticism of the educational system basically converged in one reproach: that the professors at the schools and colleges of the country, instead of preparing their students for practical life, were feeding them with theoretical knowledge only* (Rodenberg, 1990, p. 84).

A leitura, portanto, é uma atividade ascética, um exercício de elevação intelectual e espiritual. O esforço intelectual é o agente moralizador na filosofia de Thoreau: “Os autores formam uma aristocracia natural e irresistível em toda sociedade e, mais do que reis ou imperadores, exercem uma influência sobre a humanidade” (Thoreau, 2018, p. 92). Assim, os *aristoi* (do grego, “os melhores”) são formados por aqueles que produzem conhecimento.

A compreensão de Thoreau sobre a leitura enquanto meio de atingir uma elevação moral e intelectual pode ser observada na oposição entre a fortuna material e a fortuna intelectual:

Quando o comerciante analfabeto e talvez desdenhoso conquista por empenho e indústria seu cobiçado ócio e sua independência e é admitido nos círculos dos ricos e elegantes, inevitavelmente ele acaba se voltando para aqueles círculos ainda mais elevados mas ainda inacessíveis do intelecto e do gênio, e se torna sensível apenas à imperfeição de sua cultura e à vaidade e à insuficiência de todas as suas riquezas, e comprova ainda mais seu bom senso com o esforço que empenha em garantir aos filhos aquele cultura intelectual cuja falta ele sente tão agudamente (Thoreau, 2018, p. 92).

O que se observa nesse trecho é a descrição de uma figura social típica da época de Thoreau: o burguês que, por meio do trabalho e da disciplina, ascende socialmente e conquista as benesses materiais. O núcleo da crítica do autor reside justamente na constatação de que o homem industrioso e prático não alcança a verdadeira plenitude por meios materiais. A elevação humana, para Thoreau, está vinculada à dimensão intelectual e espiritual da existência. Ao perceber a limitação de sua conquista, esse sujeito toma consciência da insuficiência de sua formação cultural e, por isso, busca na educação dos filhos a compensação simbólica de uma cultura que ele próprio não alcançou.

A passagem também apresenta uma dicotomia entre trabalho e cultura. Embora coexistam, sua integração é rara. Não há uma condenação do trabalho como condição da existência humana, mas uma compreensão de que ele não deve servir à acumulação material.

Para solucionar os problemas educacionais de sua comunidade, Thoreau propõe uma alternativa comunitária: “Chegou a hora de as aldeias virarem universidades, e os moradores mais antigos se tornarem professores, com tempo de sobra – se estiverem mesmo bem de vida – para fazer estudos liberais pelo resto da

vida” (Thoreau, 2018, p. 97). Há um deslocamento do centro formativo: não são mais as instituições formais, mas as experiências cotidianas.

A proposta de Thoreau esboça um idealismo acerca das relações humanas e das capacidades formativas e morais dos indivíduos. Isso decorre de sua descon sideração das condições históricas e econômicas que constituem as sociedades no seio do capitalismo. Embora o filósofo tenha sido um dos primeiros críticos do sistema econômico que entrou em vigência em seu país ainda no século XIX, sua teoria política soa, muitas vezes, idealista (Rodenberg, 1990). Essa observação permite compreender como sua filosofia, embora ética e reformadora, permanecia ancorada em uma visão individualista sobre as mudanças na sociedade.

Considerações finais

O artigo teve como objetivo analisar os aspectos educacionais presentes em *Walden*, de Henry David Thoreau. O filósofo, influenciado pelo pensamento e pela obra de Emerson, ao propor uma existência simples e autossuficiente, oferece uma crítica à racionalidade utilitária e à formação instrumental do sujeito moderno inserido na sociedade capitalista.

A leitura de *Walden* permitiu reconhecer que, na filosofia thoreauviana, o ato de ler constitui uma condição de aperfeiçoamento moral. A leitura torna-se, assim, um instrumento moralizador: não se trata de uma atividade técnica, mas de um exercício ascético de elevação espiritual.

Por fim, o pensamento de Thoreau é marcado por um idealismo individualista, pouco atento às determinações históricas e econômicas que moldam a sociedade capitalista moderna. A proposta apresentada pelo filósofo para solucionar os problemas educacionais de sua região demonstra, ao que tudo indica, uma despreocupação com as condições materiais que influenciam a organização da sociedade.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALTRAN, José. Liberdade e mística em Thoreau: ato político. **Último andar**. [S.l], n. 30, p.264-277, 2017.

AZEVEDO, Silvio Murilo M. de. Inovacionismo religioso norte-americano no século XIX: origens e tendências ideológicas. **Ad eternum**, v, 2, n. 8, p. 55-106, jul. 2024.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e imaginação: o Deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambiente e Sociedade**. v. XVI, n. 4, out-dez, p. 103-120, 2013

EMERSON, Ralph Waldo. **Nature**. Boston: James Munroe and Company, 1836.

EMERSON, Ralph Waldo. Sobre Thoreau. In: THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. São Paulo: Edipro, 2016, p. 29-48.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

RODENBERG, Hans-Peter. Henry David Thoreau (1817-1862). In: HEUERMAN, Hartmut. **Classics in cultural criticism**. Vol. II. Frankfurt; Bern; New York; Paris: Peter Lang, 1990, p. 69-99

MIRANDA, Daniel Moreira. Introdução. In: THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. São Paulo: Edipro, 2016, p. 9-28.

ROCHA, René Eberle. Natureza e sociedade no pensamento de Thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**. v.10, n.1, p. 66-77, 2018.

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. São Paulo: Edipro, 2016.

THOREAU, Henry David. **Walden ou a vida nos bosques**. São Paulo: Edipro, 2018.

Sobre os autores:

Daniel Longhini Vicençoni

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Realizou o Estágio Pós-doutoral em Filosofia na UNIOESTE (PPGFIL), campus Toledo. Participa do Grupo de Pesquisa Sobre Política, Religião e Educação na Modernidade (UEM), do Grupo CRISIS (UNIOESTE) e do Grupo AlfaLab - Laboratório de Estudo, Pesquisa e Formação Docente em Alfabetização.

Marli Delmonico de Araujo Futata

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Realizou o Estágio Pós-doutoral pela mesma instituição. É professora do Programa de Pós-Graduação

em Educação – PPE/UEM e Coordenadora do Mestrado Profissional em Processos e Tecnologias Educacionais – ProfEducatec-UEM. Participa do Grupo de Pesquisa Sobre Política, Religião e Educação na Modernidade (UEM) e é líder do Grupo AlfaLab - Laboratório de Estudo, Pesquisa e Formação Docente em Alfabetização.